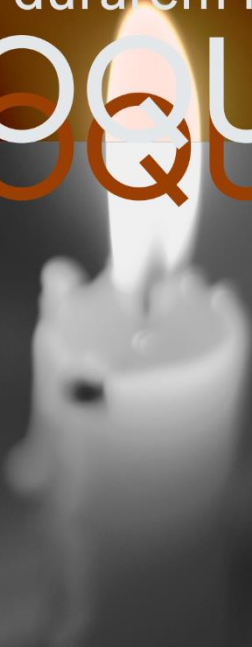


MIRELLA AMORIM

enquanto durarem nossos

ESTOQUES



ENQUANTO DURAREM NOSSOS ESTOQUES

Mirella Amorim

Rio de Janeiro/2020

SOBRE A AUTORA

Mirella Amorim é “mestra em irrelevâncias” e uma “artista do possível” como gosta de se definir. É o lirismo do seu olhar, suas minúcias e a capacidade de dialogar com múltiplas linguagens que fazem dela uma artista real que tem na matéria “palavra” seu assento.

Sua vida foi permeada pela canção brasileira, marcando memórias, desenhando modos de ler o mundo, enquadrando seu olhar. Soube-se artista depois dos 40 anos e o início do seu percurso não foi pela “sua” palavra. Iniciou fotografando os versos que ouvia e, aos poucos, foi agregando outras manifestações, passando a escrever, também, com e sobre as canções. Hoje, tem uma linguagem composta de escrita, fotografia, vídeo e arte visual autorais que resultam em produções que divulgadas blog *Álibis & Alfarrábios*.

Foi uma das responsáveis pela Direção de Fotografia do premiado curta "CoroAção" e roteirista e idealizadora da série "De um metro, não passo: leituras das crônicas da quarentena". Em 2020 assume a sua “palavra” e, sob influência da obrigatoriedade da experiência de isolamento social, escreve "Enquanto durarem nossos estoques".

SOBRE A OBRA

Enquanto durarem nossos estoques é uma série de textos escritos durante os primeiros 150 dias de quarentena. São crônicas, contos e poesias que abordam o espanto ante a realidade subitamente imposta pela pandemia. O passar dos dias são registrados e vão costurando as imagens de uma janela ("a janela por onde avisto o fim do mundo", como diz a autora) com canções brasileiras e os acontecimentos do período, como a morte do compositor Aldir Blanc. Os textos têm uma abordagem irônica e pouco otimista que encontram na arte, alternativa aos tempos de cólera. Enquanto durarem nossos estoques é atual, provocador, poético e divertido.

ENQUANTO DURAREM NOSSOS ESTOQUES.....	6
O VÍRUS.....	8
LIVES IN THE AIR.....	11
PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DO OUTONO:	15
A SENHORA É MÉDICA?	18
DOMINGO	22
DAS ECONOMIAS	24
COMO VOCÊ ESTÁ? ESTOU OUVINDO SIMONE	27
PARA QUEM É DE SIMONE.....	31
MURIÇOCA	32
SOBREVIVER COM ALDIR	33
SUBTRAÍRAM-NOS A BOCA	40
NECRODELÍRIOS	44
"O BRAZIL TÁ MATANDO O BRASIL"	46
POR ENQUANTO, GAVIÕES	49
COTIDIANO.....	50
UM DRINK, UM TANTO	54
ERA ISSO, JOSÉ?.....	55
DESMAIO.....	56
VAZARAM MEU NUDES	57
SOBRE BETHÂNIA, SÓ SEI FALAR.	63
FEELING BLUE	68
DE UM METRO, EU NÃO PASSO.....	71
"A DESCOBERTA DA ANTIMATÉRIA E SUAS IMPLICAÇÕES"	76
FALA COMIGO, WILSON	79

ENQUANTO DURAREM NOSSOS ESTOQUES

Sempre fui muito mais cigarra que formiga. Mais rua, festa e riso. Faço do deboche escudo e espada, sou otimista por não saber outra saída e acabei por parar na canção do Gilberto: “vamos fugir, *baby*”?

Pra onde, seu Gilberto? Pra onde?

Mas, fiquemos calmos, nós, eu, você... não vamos morrer da Covid-19. Alguns até vamos. Tem gente que vai morrer mesmo é de fome, morrer porque é fudido e os fudidos, sempre se fodem! Morrerá, claro, uma ou outra criança bem nutrida, um ou outro velho de Higienópolis, algum imbecil da Barra ou estúpido de gravata. Canalhas morrerão também. Gente fina, elegante e sincera, vai morrer. Fiquemos calmos, é blefe que as pandemias são democráticas e, é batata, os fudidos sempre se fodem!

Quem for vivendo, de algum modo, vai aprender alguma coisa sobre escassez (espero). Nós, eu, você... não vamos morrer de covid-19. Alguns até vamos. Iremos viver enquanto durarem nossos estoques de fé, de vinho, de fumo, de culpa, de raiva, de cinismo e vamos morrendo de saudade, de pânico, de nóia, de culpa, de raiva, de cinismo...

Eu, se morrer, não vai ser por culpa do vírus (aliás, peço que alguém se encarregue de retificar o atestado de óbito). Eu, se morrer, vai ser mesmo é de falta de abraço.

Ou chegamos mesmo ao fim daquilo que chamamos de humanidade (hipótese mais coerente) ou nada será como antes e seremos melhores (hipótese necessária). Portanto, entretanto e, no entanto, estaremos aqui: enquanto durarem nossos estoques.

Lista de músicas: Canções em tempos distópicos (disponível na plataforma *Spotify*)

O VÍRUS

O Vírus não distingue ninguém, mas, vá lá: tem suas preferências. O Vírus é jovem, entediado e sem escrúpulos. Tem visão de futuro e sabia que, apesar de detestar orientais, começar seu périplo pela China era garantia de sucesso.

O Vírus tem bons hábitos. Assim que se estabeleceu correu logo para a Itália. Apesar da pouca idade, o Vírus é distintíssimo. Milão é, sem dúvida, sua cidade preferida mas, como não amar Paris, Madrid, Barcelona, Londres, Berlim...

Mimado, o Vírus não se contenta com nada. Encheu-se de tudo, nem Nova York lhe agradou mais. Pegou um voo direto: Milão-São Paulo. Ah, enfim os trópicos! Advertiram-lhe que poderia não suportar o calor. O Vírus riu por dentro (mal sabem eles dos seus subterrâneos), um calorzinho dos trópicos não é nada pra ele.

O Vírus é tão ardiloso que fez ministro do bozo defender o SUS, a ciência, a Fiocruz (não diante do capitão, é verdade). Ouvi dizer que o Vírus está até convertendo liberal em keynesiano. Mas, se tem uma coisa que o Vírus não consegue de modo algum é transformar o inominável em um ser pensante. Um imbecil sempre será um imbecil, seja de farda, seja de faixa.

Debochado, o Vírus adora a tensão suspensa quando entra nos salões do poder. O medo dos covardes o diverte. Mas, o estrago é pequeno, promove só uma bagunça. O Vírus não é bobo e não está nem um pouco a fim de aniquilar seus aliados. O Vírus é da elite, né!

Nada melhor que o sul do Equador para botar os *bicho* pra fora! Começa devagar, chega suave, cheiroso, dengoso, faceiro, safado, vai bebendo do copo dos outros, rebolando na roda, arrastando um xaxado suado...

O Vírus é escroto e goza nas coxas das meninas do trem. Despertado em ressacas metafísicas, acorda furioso. Quando é assim,

não perdoa mulher, velho, nem criança. Estripa, dá na cara, cospe, esfaqueia, esculacha... puta, piranha, bichinha, traveco... Com essa gente, o Vírus não quer só brincadeira. Com essa gente o Vírus vai até o fim. Não duvidem: o Vírus é um homem de bem.

Explicam-nos como o Vírus se comporta, onde ele gosta de ficar, por quanto tempo... e, principalmente, lembram-nos de não chateá-lo, o Vírus é muito voluntarioso.

LIVES IN THE AIR

Dorothea dispensou as empregadas: licença remunerada! Bem, a Rute ela achou melhor não dispensar. Tinham quase a mesma idade e, portanto, ambas do grupo de risco e Rute era como se fosse da família. Rute tinha casa, uma casa que construiu por 20 anos (Graças a D. Dorothea, repetia). Tinha filhos já adultos, o mais novo, com a mesma idade da casa, ainda morava com Rute. Um rapaz bom mas, com a cabeça meio fraca. Não fosse Dorothea pagar o tratamento, (Era tratamento de que mesmo? Sei lá, nem lembro) o menino não tinha vingado (Graças a Deus e a D. Dorothea, hoje é um rapaz forte, repetia Rute). Rute preocupava-se com ele.

Dorothea preocupava-se com tudo. Angustiava-se com as crianças presas em apartamentos, os idosos solitários, os moradores de rua... Indignava-se com a falta de solidariedade generalizada. Muito preocupada com o sustento do pessoal autônomo, Dorothea ariana, decidiu agir.

Deu-se conta de que estava ficando peluda demais e *gillete* sempre lhe deu alergia. Pediu pra Rute ajudar com a pinça mas, a velha Rute, não estava enxergando bem. Foi aí que veio uma ideia genial. Há duas semanas que Ju não conseguia vir de Belford Roxo para depilá-la. Jaque fez sua unha até semana passada mas, o salão fechou, as meninas da massagem também eram da Baixada. Dorothea já estava fazendo pilates, terapia, aula de canto por vídeochamada. Por que não ajudar as meninas? Para ela ia ser bom pois, era meio sem jeito para essas coisas e, para as meninas, um socorro. Assim, começaram as *lives* com tutoriais de autocuidado e pequenos truques para os afazeres da casa. Ela pagava por cada consultoria e estimulava as amigas a fazerem o mesmo.

A *live* mais insólita, Dorothea mesma reconhecia, foi com a Nadir ensinando ela a lavar banheiro. As duas se divertiram até e, Dorothea, quase vomitou na hora de passar o esfregão no vaso. Rute ajudou. A velha Rute não aguentava se abaixar muito mas, um pouquinho dava.

No início muitas amigas aderiram mas, depois que Thereza queimou a cara de cera, Joyce inflamou a cutícula e Patrícia escorregou na cozinha, acharam melhor diminuir o ritmo das *lives*.

Tinha quase um mês que Rute não voltava para casa e uns quatro dias que não conseguia contato com filho (Do jeito que ele é aluado, deve ter perdido o carregador do celular). A quarentena era também pela saúde de Rute. Dorothea, mesmo preocupada, teve pena e pagou o uber para levar Rute em casa com mais segurança.

* * *

- Tô curiosa com uma coisa: Dorothea ficou viúva?

- Não! É casada há 40 anos com Mário Jorge.

- Eu sei que ela era casada com Mario Jorge, mas...

- Ele, coitado, ficou muito deprimido e só ficava na sala assistindo reprise do campeonato de futebol italiano.

- Você não falou nele, achei que tinha morrido.

- Vira essa boca pra lá! Mas, por falar em morte, quem morreu foi o Jorginho.

- Jorginho, que Jorginho?

- O filho da D. Rute. Foi horrível. Parece que acharam o corpo dele já quase apodrecendo na casa...

- Que horror! Morreu de que, coitado? Da gripe?

- Não lembro direito mas, Dorothea ficou desconsolada. Era muito apegada ao rapaz.

**PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DO
OUTONO:
uma anacronica.**

Ano passado as amendoeiras só bronzearam o chão da praça Paris em setembro. Folhas caindo quando era tempo de florescer. Os ipês rosas, sempre tão pontuais nos nossos junhos, pareciam ter perdido a hora. Claro, sempre soube que isso não era uma traquinagem da natureza só pra confundir os meus sentidos. Sabia que estávamos adoecendo tudo ao redor. Mas, havia uma certa bossa em pensar daquele modo e ficar correndo atrás das surpresas na cidade

Ainda criança convivia com uma sensação muito boa que hoje sei que tem nome de outono. As brisas outonais trazem um certo lirismo aos habitantes e sempre há alguém para suspirar e cantarolar os versos que aprenderam com Ed Motta “há um lugar para ser feliz, além de abril em Paris, outonuuu no Riuuuuu”. Estou certa de que o

outono no Rio nem sempre foi tão famoso assim mas, a canção deu nome e sobrenome a este tempo em que as cores são mais nítidas, a luz é mais suave e a temperatura mais gentil. Afinal, temos também o nosso *meilleur avril*.

Nenhuma cidade que eu conheça faz um baile tão intenso de luz e sombra. Em Copacabana anoitece primeiro que em Ipanema. No verão, por muito pouco o sol não se põe no mar e, ao mesmo tempo, mergulha por trás do Maciço da Tijuca. Há uma hora do dia, minutos antes do sol morrer, que um feixe de luz amarela é lançado somente no morro Cara de Cão (aquela pedra maior do Pão de Açúcar), como um *spot*. E, nessas infinitas possibilidades de sombra e luz, que as cores desenham uma cidade ímpar: o Rio.

Preparo-me para o outono, espero por ele como as esposas no cais. Penso nas fotos, nos lugares, nos passeios e fico feliz. Hoje, distante apenas algumas semanas do início dessa escrita, dou-me conta de que se trata de uma crônica anacrônica.

Aqui, da janela por onde avisto o fim do mundo, a beleza permanece mas, é como se ela pertencesse a outro tempo. O tempo em que tinha menos medo e mais esperança. O tempo em que imaginei, elaborei e materializei uma compilação de músicas chamada “Rio em Sol Maior”. Era uma crônica musical em forma de CD. Mas, era principalmente, uma Ode. Se fosse fazer a seleção hoje, talvez tivesse outro tom. Nesses trópicos (tristes), a poesia anda meio sem jeito. Como visita malquista na sala de estar.

Aqui, da janela por onde avisto o fim do mundo, a beleza permanece e faz um silêncio como só ouvi em Brasília aos domingos (nunca tinha pensado nisso mas, em Brasília, eles praticam o auto isolamento faz tempo). Um silêncio, um vácuo, uma brecha para a música entrar.

*"Beija o meu Rio de Janeiro.
Antes que um aventureiro lance mão"
(Chico Buarque em Samba de Orly).*

Lista de música Rio em Sol Maior
(disponível na plataforma *Spotfy*)

A SENHORA É MÉDICA?

- Bom dia comunidade...
- Já? A essa hora?
- Não tenho maturidade pra *home office*...
- Eu acho que não tem outra saída. Minha cozinha está infestada de um cheiro, digamos assim, familiar.... Acho que minha vizinhança também não tem maturidade para *home office*.
- Se você tomar coragem de me visitar eu faço um pra cada um.
- Pelamordedeus! Não vem atentar minha quarentena. Eu não tenho coragem, não. Tô sentindo todos os sintomas. Só de ver televisão, já me considero estatística.
- Deixe de ser louca! Não tá com nada não. Para de ver televisão um pouco. Eu estou trabalhando, ouvindo música e...

- Eu sei mas, ontem levei o cachorro na rua e subi uma escadaria cheia de água parada. Pode ser Dengue, Influenza... não é só Covid-19.

- O que você tá sentindo de verdade?

- Estou bem, nada de febre, tosse seca, nem falta de ar, quer dizer, o problema é a preguiça mesmo, uma moleeeeeeza. Até porque eu não vim ao mundo pra morrer de um resfriado!

- Deve estar pouquinho deprimida, né gata? E os remedinhos? Está tomando?

- Como você sabe? Meus remédios acabaram e preciso de receita para continuar. Tô aguardando marcação de consulta no SUS que, como você deve saber, a essa altura do campeonato eles estão cagando e andando pra gente doida!

- Eu posso ajudar, caralho!!!! Que mania que você tem de não pedir ajuda!

- Você é um demoniozinho...

- Não é um bom momento para suspender medicação. Esse tipo de medicação tem um ciclo. Me fala o remédio, eu compro e amanhã quando for andar de bicicleta, levo aí.

- Amiga, você é phoda. Peraí que eu vou procurar a caixa, não lembro de cabeça... IIIh, não tenho o mais caixa, acho que era Shift 500. Vou procurar e confirmo... Amiga, não achei a caixa e a receita ficou na farmácia da última vez. O medicamento é ESC não Shift, claro que não tem de 500g. Só tem de 10g e 20g. Olhei na internet e o de 10g vem embalagem com 15 comprimidos e o de 20g em embalagem de 30. Logo, o que tomo é de 20g porque lembro que a embalagem era de 30 cápsulas.

- Biiiiicha, deixe de ser louca!

- Mas, para falar a verdade já faz uns dois meses que estou sem a medicação. Estou achando que vai me dar aqueles efeitos colaterais e eu vou achar que é o coronavírus.

- Amor, é melhor tomar. Começa com uma dosagem menor. Toma por uma semana metade da dose.

- Exato! Foi assim que o médico me indicou. A senhora é médica?

- Médica eu não sou mas, sou filha de uma curandeira alopática. Além disso, tenho opinião para tudo.

- Seja o que Deus quiser. Melhor tomar do que uma visita forçada ao DrPhillipe, né?

- Pois é, e lá deve estar infestado de corona.

- Arrasa, a senhora arrasa na internet, na escrita, na fotografia, pelo histórico, arrasa na cama... estou precisando muito de tomar remedinhos.

- Esse nosso diálogo tá sensacional!

- Queria perguntar isso: esses diálogos que a senhora escreve são reais ou inspirações poéticas?

- O que você acha?

DOMINGO

- Cadê meu celular? (checa o *Insta*, muda a música, olha os *stories* do *Face*, manda um kkk...). Pra que que eu peguei mesmo o celular? Ah, pra perguntar como é que faz aquele bacalhau?

- Você cismou com esse bacalhau, nem liga pra bacalhau. Por que isso? Deve estar com saudade da sua mãe, né?

- Sabe o que a maluca da minha mãe dizia?

- Claro que sei você já me disse umas dez vezes. Aliás, é a décima vez que toca a “História de Lili Brown”.

- Tem razão, vou por o Zambujo para tocar. É mais temático. É que tenho meus ritos...

- Tem, sei. O que você tem é (des)rotina com traços de mania: corta milimetricamente o pimentão, centimetricamente a cebola mas,

não tem uma vez que os convidados cheguem e a comida esteja pronta.

- E daí? A bebida sempre tá gelada.

- É almoço, não é *happy hour*.

- Esqueci que você é do departamento dos decretos e costumes. Vem, vamos dançar, essa música é boa de dançar junto.

- Você não ia por o Zambujo? Vai demorar muito essa comida?

- Vai demorar o tempo necessário para ficar pronta. Abre o vinho, por favor. Pronto. Aí está: “O fado desconcertado” com António Zambujo.

DAS ECONOMIAS

- Tudo limpo: a casa, a cama, eu e o pijama. Cheiro de *Confort* me acalma. Bom, deve ser por isso que chama *Confort*, né? Se tem uma coisa que eu não economizo é com amaciante.

- E por acaso você economiza com alguma coisa?

- Claro que sim! Economizo gelo – odeio gelo derretendo à toa –, economizo o meio do sanduíche pra comer no final...

- Bem naquela hora que eu te peço um pedaço...

- Bem naquela hora que eu quero te matar. Aliás, se tem uma coisa que eu economizo é contato com gente chata. Eu, se fosse você, me cuidava. Pode ser que te economize.

- Fala a verdade você tá curtindo essa história de isolamento social, não tá?

- As tartarugas estão desovando mais na Bahia, os peixes voltaram aos canais de Veneza. Tem lobo-guará passeando nas ruas de Volta Redonda... ou seja, trancafiar os humaninhos não é, de todo, ruim. E sua sorte é que eu não faço economia de bom humor.

- Devo admitir que seu humor é bom, mesmo em dias de mau humor.

- Você sabe que o nome disso é saudade, não sabe? Deve ser difícil passar essa quarentena tão solitária, né minha filha?

- Não mesmo. Tô me guardando pra quando o carnaval chegar. Quando acabar essa quarentena, volto pro páreo. Tudo será mais fácil. Tô esperando uns divórcios aí... Você viu que na China um monte de gente se separou? Tô contando com isso.

- Depois, sou eu que tô gostando da quarentena. Para de urubuzar o casamento dos outros.

- Eu? Urubuzando? Claro que não! Se os divórcios acontecerem – e acontecerão – não terá sido por minha culpa.

- Que cara de pau! Meu pai tem um ditado perfeito pra isso: “morre o cavalo pra o bem do urubu” e, neste caso, o urubu é você.

- Quer saber de uma coisa: não me enche, vai fotografar lua!

- Adorei! “Vai fotografar lua!” é um eufemismo pra vai se fuder! Mas, irei mesmo. Hoje é dia de superlua.

- Grande novidade! Toda hora tem uma tal de superlua e vocês ficam tratando como se fosse a primeira vez.

- Sempre é a primeira vez! Já consultei a hora, o azymuth e preparei a câmera.

- Que preguiça que eu tenho de você...

- Outra coisa que não economizo: detalhes, os inúteis, especialmente.

COMO VOCÊ ESTÁ? ESTOU OUVINDO SIMONE

- Como você está?
- Tá com tempo ou tá perguntando só por educação?
- Perguntando só por educação...
- Ah, que ótimo! Não aguento mais responder como eu estou!
- Deixa de ser antipática!
- Ué, não é antipatia. É que no geral não tenho como dizer que não estou bem. Mas, bem, bem, bem, ninguém tá. Então, me fala você: como que tá? Quero ver se vai ter paciência pra dissertar.
- Não preciso dissertar, posso responder por tópicos: tô com medo do meu pai morrer, da minha irmã morrer, mais as pessoas morrendo sufocadas nas ruas...

- Tá bem, tá bem, vamos conversar sério.

- Eu tô conversando sério, tenho medo mesmo. Eles se encaixam em vários grupos de risco, são cheios de comorbidades e, claro que, além desses medos reais, tem a paranoia minha de todos os dias.

- Viu? A vantagem de praticamente não ter família é que não tenho medo de ninguém morrer. Vem cá, eu sei que você é materialista histórica, tradada e tal... mas, será que com esses medos todos, não era bom fazer umas oraçõezinhas?

- Minha filha, tô fazendo toda noite!

- Ih, é grave mesmo então.

- Sempre começo com um preâmbulo: ó Senhor, sei que sempre duvidei da sua magnificência, advoguei que crer no Senhor era alienação... ó Senhor, onisciente, onipotente, peço desculpas por não ter lhe dado a devida importância, ó Senhor... e aí vou fazendo a lista dos pedidos.

- Isso aí, segura na mão de Deus, quer dizer, bate os cotovelos com ele e vai!

- Palhaça! E você? Já que não quer dizer como está me diz: o que está fazendo?

- Ouvindo Simone...

- Simone do “Então, é Natal”?

- Sim, Simone Bittencourt de Oliveira mas, os discos da década de 1970 e início dos anos 1980.

- Cruz credo!

- Você é insensível. Simone tem seu valor. Por exemplo, o LP “Pedaços”, que foi o álbum de catálogo que deu origem aquele disco icônico de capa preta ao vivo no réveillon 1979/80.

- Não faço ideia do que você está falando...

- Eu fico aqui me perguntando o que é ter a “sensação das cordilheiras”... e, olha, como esse outro verso é lindo: “cada desejo é um açoite”...

- Ih meu Deus, pirou mesmo. Ó Senhor, tu que és tão grandioso e generoso, tu, Senhor, que és só amor, inclua também essa minha amiga no meu clamor!

- Se você não fosse tão hermética, estaria aproveitando nossos últimos dias com poesia e outras belezas que um dia a humanidade produziu. Porque, eu não sei se você já se deu conta, mas, isso que aprendemos a chamar de humanidade, acabou. Estamos só vivendo o rescaldo.

- Agora entendo por que você fica com preguiça de responder como está. De otimista incorrigível até niilista é um longo caminho pra explicar mesmo.

- Isso! Ao próximo que me perguntar “Como você está?”, responderei: estou ouvindo Simone.

Lista de músicas: Simone para quem é de Simone (disponível na plataforma *Spotify*)

PARA QUEM É DE SIMONE

para corações fortes

para os nascidos em 1968

para os que lá no fundo curtem solo de sax

para os divorciados de 1980

para quem desejou a Simone

para quem usou ombreira

para quem pôde perdoar o disco do natal

e, principalmente,

para quem já cantou “tô voltando” pensando
na estréia da camisola.

MURIÇOCA

ME COME A NOITE
INTEIRA
PELA MANHÃ
PESADA, LENTA
MINHA VEZ
NÃO A COMO
ESMAGO
SEU SANGUE MEU
DESENHA MINHA PALMA

SOBREVIVER COM ALDIR

- Não sei pra que coloquei um espelho na minha bancada. Com esse negócio de trabalhar em casa, passo o dia todo tirando arames que nascem na minha cara, literalmente, da noite para o dia. Visito minhas rugas, espremos cravos...

- Que nojo!

- Ah, você não espreme? Pois, saiba que este é um ótimo momento pra estimular o divagar. As erupções de sebo e células mortas libertam, também, os pensamentos.

- Quer dizer que agora, essa coisa nojenta, é momento de reflexão?

-Isso! Exatamente! Esses dias eu vinha pensando: por que as pessoas ficam acreditando que haverá “o dia em que tudo isso passar”? Não vai passar!

- O que houve com a otimista de plantão?

- Pode até ir passando mas, nunca mais vai passar! Aquela imagem do “Vai passar” do Chico Buarque quando chega o “dia” em que, afinal, teremos “direito a uma alegria fugaz/ Uma ofegante epidemia” se chamando carnaval. Não haverá esse dia.

- Tudo você põe um pedaço de música no meio. Uma cisma com verso. As pessoas normais não prestam tanta atenção assim.

- Deve ser porque, na verdade, o que eu queria era saber fazer música.

- Você pode escrever letras de músicas.

- Ah, poxa, muito obrigada! Só estava mesmo faltando a ideia. Você pensa que é assim? Não é qualquer um que sabe escrever música.

- Você não é qualquer uma.

- Ah, poxa, muito obrigada, de novo. Pensa comigo: você acha mesmo que a música brasileira precisa dos meus pobres versos?

- É, realmente, não precisa.

- Escuta, quero falar dos versos do Aldir Blanc...

- Tá bem, vou tentar prestar atenção.

- Aliás, tanto boçal nesse mundo, por que levaram logo o Aldir? Se eu escrevesse música eu queria ser tipo o Aldir, como essa hipótese não encontra lugar algum no campo das possibilidades, esqueçamos de mim e vamos aos versos do próprio. Mas, fica tranquila que, se um gênio da lâmpada me fizesse Aldir, você seria o meu João Bosco.

- Deveria ficar emocionada?

- Ficaré com os versos. Tenho certeza que “meu coração tropical partirá esse gelo”. Aldir foi o compositor mais gravado pela Elis. Através dela saquei que ele existia. Quando pequena ouvi muito um LP “Essa Mulher” que é o disco em que ela gravou "O Bêbado e a Equilibrista". Ele tem uma capa branca com uma flor caída num canto, acho que é um cravo. Lembra?

- Lembro não, minha flor.

- Bom, enfim, nesse disco a Elis gravou mais duas músicas dele "Beguíne Dodói" e "Altos e Baixos". Vou por pra gente ouvir. Só ele poderia escrever “espremo cravos defronte ao espelho” e caber perfeitamente.

- Mas, que cisma!

- Escuta, você vai gostar

*“Olha, meu bem, o que restou
Daquele grande herói
Sem teu amor, enlouqueci e ando dodói
Como Tarzan depois da gripe
De emplastro sabiá
Tomando cana nos botequins
Eu vou me acabar
Espremo cravos defronte ao espelho
Lembrando você...”*

- Tem razão, coube perfeitamente. A Elis, também, é foda.

- Mas, a música que eu mais amo nesse disco é a deliberadamente dramática: “Altos e Baixos”, que é dele com a Sueli Costa (aliás, são lindas as canções da Sueli Costa). Escuta, pensa na cena...

*“...Como um raio de sangue no chão
Do risco em teus cílios
Foram discos demais, desculpas demais
Já vão tarde essas tardes e mais
Tuas aulas, meus táxis, uísque, dietil,
dienpax...”*

- Sem contar que só que tem da minha idade pra cima sabe o que é “dietil” e “dienpax”. Presta atenção nesse outro e imagina alguém dizendo isso pra você: “não lance nos meus, esses olhos de mar...”

- Senti uma indireta... você não lida bem com meus olhos de mar.

- Engano seu, lido tão bem que sequer me dou ao trabalho de pedir que não os lance nos meus. Nem gosto tando dessa canção mas, realmente, esse verso é demais e me remete a outro verso belíssimo que é do Chico: “por que mal faz tão mal com olhos tão azuis?”. Aliás, acho que o Chico nunca compôs com o Aldir...

- Resposta ao tempo não é dele?

- De quem? Do Aldir? Sim, com Cristóvão Bastos. O Chico está inocente dessa vez. Você sabe que essa música já foi rendeu até calorosos debates acadêmicos. Uma cisma que as pessoas tem em querer saber quem é que responde ao tempo... A estrofe que eu mais gosto é:

*“... E o tempo se rói
Com inveja de mim
Me vigia querendo aprender
Como eu morro de amor
Pra tentar reviver...”*

- Essa parte até eu sei. Muita bandeira você preferir esse verso, não acha não? “Morro de amor, pra tentar reviver”. Você não acha que já passou da idade de se identificar com esse versinho?

- Versinho é o cacete! E não, não acho! Ao fim e ao cabo quem fica bem mesmo é que dá “mais sorte com a Beatriz”.

- Tá bem, tá bem, vou me dedicar aos versos do Aldir. Prepara uma daquelas listas pra mim?

- Preparo sim. Sobre a morte do Aldir, o João Bosco escreveu um texto hoje que diz mais ou menos assim: “nossas canções estão aí para nos sobreviver”. Achei bonito e tentarei fazer com que o Aldir sobreviva em você.

- Se você estiver certa e tudo isso não for passar, vai ser bom sobreviver com Aldir e com tantas outras “canções que você traz pra mim”. E, além de sobreviver, por que não, morrer de amor pra tentar reviver?

SUBTRAÍRAM-NOS A BOCA

- Se você fosse um bicho, você gostaria de ser um bicho da terra, da água ou do ar? Não tem bicho do fogo, né? Acho que é por isso que eu morro de medo de incêndio. Nada sobrevive ao fogo.

- Você não tá pura.

- Não! Claro que não! Não tem a menor condição de ficar pura nesses tempos. Se ficar de cara, nem vou precisar do fogo para me eliminar. Mas diga, que tipo de bicho você gostaria de ser?

- Sei lá, nunca pensei nisso. Talvez um bicho que voe.

- Sabia! Opção conservadora. Todo serumaninho tem essa mania de querer voar.

- Você não?

- Eu não. Tenho pavor de altura. Minha dúvida é se eu queria ser do mar, tipo uma baleia jubarte ou da terra, neste caso, pensei em ser um guepardo. Depois desisti: muito cansativo. Bom, bicho da terra a gente já é, né?

- Você, nem tanto. Quando me vem com esses papos, eu fico sinceramente me perguntando se a Terra seria o seu lugar.

- Quanto a isso, há consenso. Escuta, eu andei pensando uma coisa: os animais não sorriem... ok, ok, eu sei, que vai ter quem alegue que os chimpanzés gargalham e que as hienas... Porém, só nós sorrimos por alegria, distração, charme, vergonha, sedução... e, ainda que os animais sorrissem, só na nossa espécie a boca é lugar de fala.

- Sim, mas isso é obvio, até onde eu sei só os humanos falam.

- Afe, hoje você está especialmente hermética.

- Só um pouco rabugenta mesmo. Me dá um trago aí e continua sua cantilena.

- Seu objetivo é me matar? Suas trilhas são repletas de corona. Vou preparar um só pra você... Voltando ao que eu dizia: é ali, na boca e, não apenas através dela, que histórias são contadas. O doido é que agora vivemos com as bocas tapadas. Máscaras coloridas, brancas, azuis, floridas... não importa, subtraíram-nos as bocas! Não sabemos mais quando secam, quando tremem, quando entreabrem e umedecem...

- Você pensou que sorrisos talvez sejam a expressão mais contundente das nossas desigualdades?

- Já pensei, claro, mas não é disso que eu tô falando.

- Eu sei. Tava só tentando conferir um conteúdo menos etéreo à sua dissertação.

- Não vai rolar. Ainda tem mais coisa... eu sei que bocas e sorrisos disputam com olhos e olhares a lírica dos artistas. Só que os olhos e derivados perdem pra boca pois, não sabem beijar. E, um bom beijo, é das coisas sublimes da vida, né não? É por isso, por esta, digamos,

vantagem competitiva da boca sobre os olhos que arrisco dizer que na nossa tradição musical os sorrisos são mais cantados que os olhares. Será? Acho que vou pesquisar isso. Toma o seu, fuma, aproveita para sorrir pra mim.

- Ah, mas esse é o único motivo de eu ter escutado suas loucuras esse tempo todo: a vantagem de ver sua boca em ação. É bonito, viu. Me fala, então, não estaria o choro para os olhos, como o sorriso para a boca? Você esqueceu de falar do choro na suposta competição entre olhos e bocas.

- Freud deve explicar.

Lista de músicas: Bocas
(disponível na plataforma *Spotify*)

NECRODELÍRIOS

*“... E o mesmo diante da hora fatal
O amor me dará forças
Pro grito de carnaval
Pro canto do cisne
Pra gargalhada final”
(Aldir Blanc em Falso Brilhante)*

Eu morri, durou menos que um segundo, foi morte súbita, morte morrida mesmo, fatal. Só quando a bunda quicou no piso ensaboado é que notei que a morte não tinha efetivamente se concretizado. No milinstante do meu desabamento vi a pancada da nuca no mámore da mesa: morte certa. Foi aí que morri. Achei digno morrer assim, de repente. Quando já ressuscitada da morte não acontecida, pensei que, se tivesse permanecido morta, só saberiam de mim uns três dias depois, imaginei as moscas, o odor... Não me pareceu nada digno. Ainda assim me pus em dúvida: indigno por quê? No máximo um desconforto (quem sabe, até um trauma) para quem achasse meu corpo. Afinal, seria muito incoerente eu me preocupar com ele

logo agora e, por fim, achei tudo bem morrer assim.

Porém, considerando que a morte não se deu por completada, dei para pensar que, pior mesmo seria se o golpe fatal não fosse tão fatal assim e eu ficasse meio viva, meio morta. Aí não! Avisei para minha médica que, neste caso, ela teria que completar a morte e fodam-se os juramentos dela. A Regina Duarte disse que onde tem morte tem vida e eu, portanto, viva estava. E se viva estou vou dar um jeito de viva ficar, ainda que não me reste mais qualquer dúvida de que o mundo acabou. Como não há consenso a esse respeito e, ainda, enquanto a mulher da foice não vier por aqui novamente, vou vivendo... Ah, por favor, nada de pânico necrodelírios são normais em tempos anormais.

"O BRAZIL TÁ MATANDO O BRASIL"

Há quanto tempo estamos em casa? O tempo tem estado estranho. Outro dia um Caetano de pijama listrado e casaco camuflado dizia que a quarentena está deixando a gente sem tempo. Entendo (ou acho que). Vamos nos perdendo no frenesi virtual. É *live, call, home office, delivery, take out...* Não deveríamos desconfiar desse monte de palavra em inglês? Acho que não deve fazer bem. Bem, ao longo dos tempos não desconfiamos, parece. Será que já estamos falando na "Novafala" do Orwel e nem notamos?

É lisérgica a dinâmica do tempo, não sabemos se somos o coelho da Alice, a própria Alice, a coitada da D. Baratinha, o burro do Shrek... fato é que estamos em uma espécie de desfabula sem nem saber se existe um portal. Só distingo noite de dia. Não sei mais em que quarentena *day* estamos. Sexta a gente reconhece mais fácil porque é dia de cair ministro e sábado dá para sacar também,

aumentam as *lives* e diminuem as *calls*. Domingo é consequência do sábado e, depois, voltamos a nos perder.

Nós, que temos a sorte de poder pensar no tempo, continuamos angustiados com a forma como dispomos do “senhor tão bonito”. O importante, ao que parece, é otimizar, aproveitar a quarentena para... Eu mesma, decidi gastar (Gastar não, investir! É que diria a *coach* que eu não tenho). Bom, vou usar o tempo para transcrever versos do Aldir. Já se vão quase 15 dias que Aldir Blanc morreu e parece que foi ontem. Não. Em verdade, parece que faz mais tempo. Só sei que desde que ele morreu não saiu mais daqui de casa. Vive me soprando versos pela JBL, versos que vem de outros tempos e que desejo copiar no papel. Em suas canções há sempre, pelo menos, um verso extraordinário. Aí está um bom lugar para perder tempo, nas tramas das suas palavras que, como a língua da princesa de Daomé, são "a conta certa entre a baunilha e o sal". Enquanto rabisco Aldir posso morrer um dia de cada vez, como deve ser.

Lista de músicas: Aldir: mestre sala dos versos (disponível na plataforma *Spotfy*)

POR ENQUANTO, GAVIÕES

Toda tarde um casal de gaviões dança aqui na frente da janela por onde avisto o fim do mundo.

Maio vai passando quadriculado

Mais ao longe vejo gaivotas e outros voos:
biguás apressados, maritacas eufóricas,
pombos velozes
Todos com suas urgências
Gaviões não
Preferem o baile
Desconfio que sejam leoninos
Espicho o pescoço para ver mais
Noto que acima estão os urubus

O voo dos urubus tem a tranquilidade de quem sabe muito mais sobre a morte do que qualquer um de nós.
Quando chegar a hora dos urubus
(sabemos que vai chegar)
A tela será suficiente para contê-los?
Creio que não
urubus são escorpianos.

COTIDIANO

- Você tá aí? Tá me vendo?
- Gente, vocês estão vendo se ele tá aí?
- Te vejo na *live* da Teresa Cristina.
- Eu tô eu te ouvindo.
- Você tá me ouvindo?
- Diminui aí que tá dando retorno.
- Tá linda a *live* da Simone.
- Viu o vídeo da Zélia Duncan? Ela deu na cara da Regina Duarte.
- É meu compromisso de Domingo. O brejo todo reunido às 18h.
- Ih... congelou... sai e entra de novo.
- Eu amo as *lives* da Suzy.

- Vamos tomar um vinho mais tarde?
- No zoom ou no mensseger? Parece que o zoom tá com problema de segurança.
- Depois da *live* do Porchat.
- O Lula foi na *live* da Teresa.
- O Caetano também. Apareceu de pijama. Mas, acho que ultimamente ele só aparece de pijama. Tá em casa, né.
- Os dois estavam na cama.
- O Caetano e o Lula? Juntos?
- Viu que Fafá tá sem pintar o cabelo.
- Choro muito com o “Ô de casas” da Mônica Salmaso.
- Dancei à beça na *live* do Zeca.
- Achei muito produzida.

- A Dilma é muito melhor fora da presidência
Viu a *live* dela com a Manu?

- Linda, a Manu.

- Linda é a menina do Bacurau! Vejo tudo
que é *live* dela. Ela é ótima. Já os
entrevistadores... às vezes até ponho no mudo
e fico só vendo a moça se mexer.

- Viu quando a Daniela Mercury entrou na
live da Teresa querendo aparecer mais que a
anfitriã?

- Vi a Mariene de Castro quase dormindo...

- Pô a Teresa fica arrotando na cara da gente.
Na cara da Patrícia Pillar, ah tem dó.

- Não assiste. Ela mesma diz: “minhas *lives*,
minhas regras”. Ela só arrota na sua casa se
você quiser.

- Ele vai entrar?

- Eu tô clicando aqui em cima dele e ele não
tá conseguindo entrar.

- E o Chico?
- Que Chico?
- O Buarque
- Mas, quanta intimidade com o Chico.
- Não tenho visto ele por aí. Anda sumido.
- Pois é, nada de beijo com gosto de café.

* * *

- Sabe qual é o problema das *lives*?
- Qual?

UM DRINK, UM TANTO

pentelho
 unha
 cabelo
 cresce
 encurta
 vértebra
 paciência
 esperança
 diminui
 alegria
 aumenta
 dipsomania
 um pouco de preguiça
 um pouco de melancolia
 um pouco de saco cheio
 põe tudo isso num copo
 e de um POUCO
 vira um TANTO

ERA ISSO, JOSÉ?

Dorme depilada
Acorda bigoduda
Dorme Giulietta Masina
Acorda Frida Kahlo
Dorme na quarta de cinzas
Acorda em outra cara
Os pêlos denunciam
O tempo passou
O mato cresceu
A festa acabou
O povo sumiu...
Era isso, José?

DESMAIO

vai-se
esvai-se
MAIO

dourado
verde
azul
rosa

vai-se
esvai-se
O
Rio
De
Janeiro
Em
Maio

VAZARAM MEU NUDES

- Sabe uma coisa que eu fiquei pensando sobre esse isolamento? Sem circular pela cidade, tiramos chance do acaso acontecer. Lembro de quando, mesmo tendo um cinema aqui ao lado, eu preferia ir até aquela sala com cheiro de mofo só porque era lá que ela gostava de ir.

- Funcionava?

- Claro que não. Nunca a encontrei. Esse tal de acaso é caprichoso. Odeia qualquer tipo de ajuda. Não desisto e vou dando chances ao acaso, vai que ele muda de ideia. Frequento as mesmas *lives* que ela, mando comentários inteligentes...

- Funciona?

- Claro que não. Ela nem me nota enquanto vago em *bytes* à procura dos seus sinais.

- Poética essa frase. Você é uma espécie de Dama das Camélias cibernética.

- Várias coisas que eu queria contar pra ela, mostrar pra ela, eu posto no stories.

- E ela vê?

- Claro que não. Há séculos ela não visualiza meus stories mas, se algum dia, mesmo que por acaso ela olhar, certamente irá encontrar uma mensagem especial.

- Que chatice. Vai ver que é por isso que ela não vê.

- Com certeza. Ela gosta muito de atrapalhar o acaso.

- Não, meu bem, ela só não quer saber de você.

- Eu odeio você. Por qual motivo você acha que eu preciso das suas verdades? Tão madura, tão equilibrada, nunca mandou indireta virtual?

- Claro que sim porém, adoto outros métodos. Tenho vários contatinhos virtuais e distribuo

nudes, quem sabe alguém vaza um nudes meu e eu já fico logo famosa.

- E de onde foi que você tirou essa ambição?
- De ser famosa? Ué, da certeza de que muita gente nesse mundo vai gostar de saber quem eu sou. Não vou gastar indiretas virtuais com um alvo só...

- Marmenina, auto estima na estratosfera. Por que será então que ninguém vaza sua maravilhosidade?

- Porque eu só trepo com gente de caráter, ou seja, gente que não vaza nudes!

- Namora alguém do *Intercept*.

- Ridícula. Eu acho uma sacanagem ninguém vazar. Faço um esforço, capricho na exposição da intimidade e ninguém espalha. Ah, francamente! Deixa meu plano de auto vazamento de lado, por que você não escreve pra ela ao invés de mandar esses recados patéticos?

- Pelo mesmo motivo que você mesma não divulga seu próprio nudes. A gente é doida

mas, não é maluca. E, no meu caso, tô cansada de saber que ela não quer nada comigo. Tô aqui só dando aquela oportunidade ao acaso.

- Desiste, esquece isso. O acaso não existe e não se trata de uma frase espírita. É que o acaso não existe mais, do mesmo modo, que não existe mais lembrança e esquecimento.

- Eita, desenvolva. Tá vendo muito Black Mirror.

- As redes sociais nos tiraram o direito à lembrança espontânea, aquela que chega de súbito, que vem por causa de cheiro, vento, música, saudade...

- Não! Uma coisa não anula a outra e as memórias do Facebook são ótimas. Às vezes até emocionantes. Há coisas que a gente nem lembrava mais e que...

- Aí é que tá! Do mesmo modo que a nossa memória não escolhe mais suas lembranças, também, perdemos o direito de esquecer. Algoritmos definem lembrança e esquecimento, simples assim. Você

lembraria daquele vestido que usou naquele dia em que éramos muito felizes?

- Não. Nem lembrava que havíamos sido felizes...

- Lembra sim que eu sei e, se você não lembrar, o Facebook te lembra. Além disso, você é a última romântica “dos litorais desse oceano Atlântico”. Por falar em romântica, canta pra mim aquela canção do Roberto.

- Não é do Roberto é do Caetano mas, eu canto:

*“Não tenho nada com isso, nem vem falar
Eu não consigo entender sua lógica
Minha palavra cantada pode espantar
E a seus ouvidos parecer exótica
Mas acontece que eu não posso me deixar
Levar por um papo que já não deu, não deu
Acho que nada restou pra guardar ou
lembrar
Do muito ou pouco que houve entre você e
eu
Nenhuma força virá me fazer calar
Faço no tempo soar minha sílaba
Canto somente o que pede pra se cantar*

*Sou o que soa eu não douro pílula
Tudo o que eu quero é um acorde perfeito
maior
Com todo mundo podendo brilhar num
cântico
Canto somente o que não pode mais se calar
Noutras palavras sou muito romântico”*

- Acho lindo quando você canta isso. Gravei,
vou postar.

- Não, não posta, não gosto que meus *nudes*
vazem!

SOBRE BETHÂNIA, SÓ SEI FALAR.

- Que fotos são essas? Ah, eu me esqueço que você é desse tipo de gente que se emociona com o pôr do sol.

- Desse tipo de gente! Pôr do sol, fim de tarde, arrebol... Você não? A Bethânia detesta, sabia? Ela fala isso num filme e chama de "a hora que a natureza troca a guarda". Nunca mais esqueci. Repito sempre.

- Eu bem sei.

- Ah, hoje é aniversário dela, 74 anos. Acredita que as pessoas me mandam mensagens? Confesso que acho estranho. Por outro lado, penso que tenho cumprido dignamente minha missão nesse mundo.

- Que missão, criatura?

- Nunca te disse não? Um dos motivos de eu ter vindo ao mundo foi pra difundir Bethânia. Não tem gente que difunde o evangelho? Então, eu propago as palavras da Bethânia.

- Herege.

- ... receber essas mensagens é sinal que não estou falhando na missão. Pensa comigo, se alguém viu que era aniversário da Bethânia e me escreveu, é porque, de algum modo, ou foi levada por mim ou compartilhou comigo a Experiência Bethânia.

- Você só piora, tá me preocupando... Sabe uma coisa que pensava dia desses? Que nunca tinha lido um texto seu falando da Bethânia.

- Eu já escrevi uma ou outra coisa mas, na verdade, não consigo. Sobre a Bethânia acho que só consigo falar. Em 2018, Álibi completou 40 anos. Eu tentei escrever sobre ele. É o disco da minha vida, canto até ao contrário. Não consegui.

- Álibi é de 1978? Não sabia... muito tempo.

- Sim, 78. Mel, 79 e Talismã, 80. Essa foi uma trilogia fundamental na vida de muita gente. Na minha casa não havia distinção entre músicas de adulto e músicas infantis,

menos ainda história em disquinho colorido. Outro dia me dei conta que algumas palavras que aprendi na vida, aprendi ouvindo esses discos. Álibi é a principal delas e, talvez, tenha sido a mais difícil.

- Por quê?

- Porque, mesmo tendo conseguido entender o significado no dicionário, levei muitos anos até compreender o que seria o:

*“álibi de ter nascido ávido
e convivido inválido
mesmo sem ter havido”*

... e, honestamente, nem sei se já compreendi de todo. Eu tenho uma memória muito distante de estar sentada no chão da sala com minhas pernas de curupira, olhando para os vestidos pendurados no teto e pensando nisso: o que é ter nascido ávido?

- Vestidos pendurados no teto?

- A casa onde cresci tinha uma nota de realismo fantástico. Era uma sala muito pequena, coberta de um carpete caroçudo e com uma escada de mármore que abrigava

um par de sapatos por degrau. Não me lembro de ter visto esse método de sapateira em nenhum outro lugar...

- Você já tá se perdendo, quero saber dos vestidos.

- Ah sim, não tem muito o que contar, era isso mesmo: vestidos de noivas, madrinhas, debutantes, pendurados nos ganchos do teto, depois de engomados para serem entregues. Sexta-feira era dia de entregar costura. Naquele tempo ou, quem sabe, naquela casa, a infância era um problema só das crianças. E, a minha criança, ouvia Bethânia, arranhava os joelhos no carpete e olhava vestidos no teto.

- A Bethânia me cansa um pouco.

- Heresia é isso. A Bethânia me leva ao mais perto que já cheguei de Deus. Não estou dizendo que ela seja divina, embora, tenha minhas dúvidas se tudo aquilo que sobe ao palco é, digamos, terráqueo. E, tampouco, falo apenas da artista e muito menos da Bethânia pessoa física. Falo da Experiência Bethânia.

- "Experiência Bethânia"? Isso é novidade. Explica.

- Ah, se eu conseguisse explicar, certamente conseguiria escrever sobre a Bethânia. Mas, te digo sem medo de errar: não há ninguém que tenha cruzado meu caminho de forma mais intensa (às vezes nem tanto) que não tenha, de algum modo, entendido a Experiência Bethânia. Você, inclusive.

- Eu inclusive, verdade. É em Álibi é que tem Negue?

- Meu bem, Álibi tem: Diamante Verdadeiro, Álibi, O Meu Amor, A Voz de uma Pessoa Vitoriosa, Ronda, Explode Coração, Negue, Sonho Meu, De todas as Maneiras, Cálice e Interior, exatamente nesta ordem. Tá bom pra você?

- Cálice também?

- Sim, Cálice e esse pileque homérico no mundo.

FEELING BLUE

- Por que você não me atendeu?
- Não ouvi, a música tava alta.
- O que que você tá ouvindo? Tá ouvindo Billie Holiday, não é?
- Como você sabe?
- Quando você fica assim, melancólica, eu sei que tá ouvindo Billie Holiday.
- Eu não estou melancólica. Apenas, sinto saudade. Sinto saudade desde o dia em que descobrimos que aglomerar era verbo sem ação.
- Saudade de que? De quem?
- Saudades inespecíficas e generalizadas. Um estado de saudade.
- Tipo Neymar: “saudades do que ainda não vivemos”?

- Isso, tipo Neymar.

- Sabe o que é pior? Quando você fica assim, melancólica, essa sua cabecinha dodói é capaz de te fazer parar num filme do Woody Allen.

- De onde você tirou isso? E os filmes do Woody Allen nem são melancólicos.

- É você, a melancólica no filme dele. Bom, não mais que o canto daquela que, um dia quase foi Billie mas, pereceu antes mesmo de haver sido. Seu filme é banal, meu bem, pra que tanta bruma? Tem necessidade de voltar aos anos 1940? Se já desbotou o sangue das toalhas, não precisava poer o terno do pianista. Por sorte o diretor cortou. Do contrário, você seria capaz de caminhar até o pobre pianista e pedir "As time Goes By"...

- Ah, não, para! Tava até gostando da cena. Mas, "As time Goes By" é muita apelação. Frank Sinatra por Frank Sinatra, prefiro logo "My Way". É Frank Sinatra que canta "As time goes By"?

- É? Não sei. Não é o Nat King Cole?

- Sei lá. Garçom, um vermute! Vou continuar a assistir a Billie decadente que você me inventou. Adorei ela. Perfeita. I'm feeling blue, satisfeita?

- Ih, gente, agora deu pra falar em inglês. Aprendeu com quem?

DE UM METRO, EU NÃO PASSO

- Não é seguro. As coisas ainda vão piorar muito e não é hora de flexibilizar.
- Não é pra flexibilizar, é só aproximar um pouco mantendo as distâncias seguras. Entenda que remotamente perde muito do sentido, porque perde o processo e o processo é muito importante.
- Seu argumento cabe pra quase tudo e, se todo mundo se guiar por ele, acaba o isolamento. Sinceramente, acho que você devia recalibrar as importâncias para os novos tempos.
- Nada disso. Você não faz ideia da alegria que é (bom, ao menos para mim) ouvir possibilidades e personificações do texto que escrevo e conseguir capturar isso. Vem! Eu não passo de um metro, prometo.
- Você não acha que tá exagerando na *egotrip*?

- Sim, acho. E daí? Meu ego é muito sociável e nem fala tanto dele mesmo. Meu ego não se vê no espelho. Ele se vê através das lentes.

- Pa-ra-béns! Isso é que é nó em pingo de argumento, quase me convence. Pensa bem, você já insiste pra que as pessoas leiam seus textos. Agora quer o que? Quer guardar leituras para posteridade?

- Sabe o que eu adoro em você? Quase sempre me poupa sessões de terapia. Nada lhe escapa. É isso mesmo: *touché*. Gosto da ideia de poder morrer e deixar rastros de eternidade, ainda que ninguém os encontre, ou melhor, mesmo que ninguém os procure. E, sim, acho fascinante poder existir para além de mim. Permita-me apenas um pequeno reparo na sua sempre tão acurada e apressada análise: eu não quero ficar pra posteridade, eu quero e preciso, querer querer ficar. Mas ok, crítica registrada. Vai ou não vai ler pra mim?

- Depois disso, vou né... mas, não chega perto.

- Prometo, de um metro não passo.
- No mínimo dois.
- Fechado, eu e você apenas e a pelo menos dois metros.
- Uma coisa é importante! Não registre apenas a crítica, registre também que eu só tô topando essa sandice porque, nunca antes na história desse país, foi tão fácil acessar as subjetividades.
- Justamente por isso que proponho uma sandice dessas. Garanto, é melhor isso do que sair louca aglomerando mundo afora.
- Com tanta gente que tem aí dentro, meu bem, você é própria aglomeração.
- Você sabe que eu vou usar essa frase, não sabe?
- Toda vez que eu escrevo pra você estou automaticamente entregando os direitos autorais. É uma brincadeira interessante: eu te inspiro e você inspira que eu também escreva pra ser lida. Entendeu isso?

- Perfeitamente. Mais um motivo pra você vir.

- Eu vou mas, como você tá se cuidando?

- Olha, eu cuido de mim o máximo que posso e consigo. Não exatamente da maneira mais correta, talvez. Mas, tô sempre empenhada em mitigar meus defeitos...

- Tá bem, tá bem, já sei a próxima frase: “eu sou uma pessoa formidável”.

- Exato. Você pre-ci-sa se convencer de que eu sou uma pessoa formidável.

- Pra que? E você dá direito ao contraditório?

* * *

- Pode repetir? Ficou bom mas, a lente é burra e precisa ver várias vezes pra poder enxergar.

- Não começa... vou repetir.

“Pra que? E você dá direito ao contraditório?”

- Lindo! Adorei!
- Você tem certeza que isso tá prestando?
- Absoluta.

"A DESCOBERTA DA ANTIMATÉRIA E SUAS IMPLICAÇÕES"

- Liga a TV que tá dando que aquela cantora que você gosta morreu.

- Bethânia?

- Não, aquela outra.

Era 30 de dezembro de 2001. Enquanto ela vivia a angústia que antecede a morte, nós ouvíamos todos os CD's que tínhamos em casa. Acaso? Certamente. Mas, ainda hoje, sinto um pouco daquele susto: de ir dormir reverberando Cássia Eller e acordar com ela morta. Penso que esse é um sentimento meio coletivo e parecido com o que eu, ainda criança, presenciei nos adultos ao meu redor: uma tristeza perplexa diante da morte da Elis.

Elis, Cássia, Clara, Gonzaguinha, Torquato (pra ficar pelo Brasil)... são esses seres encantados que, de um modo ou de outro, não aguentam a vida de terráqueo. Eles, como diz o João Bosco sobre o Aldir

Blanc, sobrevivem nas suas canções e em nós. Creio que essa encanteria seja, porque não, a descoberta da antimatéria.

Era verão de 2002. Luiz Melodia começa a cantar “Juventude Transviada”, presto atenção, o arranjo parece um pouco diferente e pá! Cássia, entra rasgando delicadamente "... eu entendo a juventude...". Dessa vez, o susto deve ter sido parecido com o de Tomé dando de cara com Jesus Cristo. Tive certeza que ela estava viva. Estava, estará mas, não está. Nunca vou me perdoar por não ter ido ao show do Rock'n'Rio, ainda que eu nunca tivesse tido vontade de ir ao Rock'n'Rio.

Era dia cento e tals da quarentena, recebo o vídeo dessa gravação de Juventude Transviada e pá! Sem sustos, dessa vez mas, catapultada para décadas atrás. Avisei para a remetente: você sabe que eu vou começar a ouvir Cássia Eller sem parar? Dito e feito. Cismei de procurar por canções com essas notas de delicadeza. E, mesmo que pareça barato o trocadilho, um dos primeiros achados foi uma gravação de Diamante Verdadeiro. Depois veio Sua Estupidez... e uma - dizem que de duvidosa precisão -

versão de Ne Me Quitte Pas que arrebatou meu coração monoglota. Aí vieram as clássicas que dão até uma dorzinha de ouvir, as que eu não conhecia naquela versão e pares de dias às voltas com d.Cássia.

Sem sustos dessa vez mas, com o mesmo espanto de quando ouvi “Por Enquanto” no rádio do carro. Cássia Eller desafia até minha obsessiva forma de organizar listas musicais com propósitos, temas e histórias. A lista da Cássia que, por ter achado irresistível e profético, chamei de Diamante Verdadeiro, é feita de espanto, descoberta e saudade.

São mesmo irresistivelmente nostálgicos os tempos de agora e o clima dos dias.

Lista de músicas: Diamante Verdadeiro
(disponível na plataforma *Spotfy*)

FALA COMIGO, WILSON

- Wilson, estou quase indo embora. Você não vai mesmo falar comigo? Há quase 150 dias que estou diante de você e, comigo, é só silêncio. Não basta, Wilson, que eu precise levantar o olhar para te ver?

- Primeiro, meu nome não é Wilson. Segundo, as súplicas não lhe vestem bem

- Wilson?! Não acredito! É você? E porque que só agora você me responde?

- É que só agora você me escuta.

- Como eu vou saber que é você mesmo, Wilson? Ouço uma voz, mas, você permanece aqui impávida. Não sei posso confiar no que ouço.

- Esse dilema você vai ter que resolver sozinha. Não queria falar comigo? Se não acredita que seja eu, é provável que realmente

não seja. Ah, já disse, meu nome não é Wilson.

- E se seu nome não é Wilson, como se chama, então?

- Também não sei seu nome. Qual a importância disso? Chame-me como quiser, mas, por favor, me chame pelo nome de uma mulher.

- É justo. Realmente, sua cabeleira é de beleza feminina. Bem, honestamente, a altivez, também. Tanta referência mais poética pra você, não é? Nada a ver esse nome que lhe dei. Acho que deve ter sido pra chamar sua atenção pelo incômodo.

- Chamou e me provocou preguiças extremas.

- Por isso o silêncio?

- Não. A verdade é que sou mais dos silêncios mesmo. É muito cansativo falar a língua dos homens, mas, prometo que visito seus sonhos pra gente conversar mais. Lá, você não terá dúvidas que serei eu.

- Eu vou sentir falta de você.

- Eu também. Vivo exibindo minha cabeleira sem que ninguém note. Você não! Quando escondi a lua nela, você achou, depois, aprendeu a saber quando ia renovar o penteado e parava pra assistir, viu também, quem gosta de me visitar e que horas chegam... Foi muito bom contar com a curiosidade do seu olhar por todos esses dias.

- Obrigada, também, pela companhia e pela beleza. Ah, e sim, você está certa: nós já conversávamos antes.

- Mas, olha, se realmente fizer questão de respostas na sua língua, procure pelos da sua espécie. Porém, nunca, nunca mesmo, conte a eles que tivemos essa conversa! No mundo dos da sua espécie, não cai bem conversar com palmeiras. Agora vai, já é quase hora, vai, menina, vai ser “guache” na vida! Não é isso que você acha bonito?

- Sim, é isso que eu acho bonito! Estou trocando a nascente, pelo poente. Perco a lua no horizonte e ganho novos contornos para a aquarela da troca da guarda.

